O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PERMEADO PELAS NOVAS TECNOLOGIAS

BUARQUE, Anne Caroline Anjos de Meneses
lilabuarque17@hotmail.com
CARÔSO, Rafaela Santos
rafaelacaroso@yahoo.com.br
MENESES, Simone Lima de
monyletras@yahoo.com.br

BERGER, Maria Amália Façanha. (Orientadora)
Mestre em Educação (UFS); Graduada em Letras Português/Inglês (UFS); Profª do curso Letras-Português da Universidade Tiradentes – UNIT.
amaliafberger@yahoo.com.br

RESUMO

Este estudo tem por objetivo apresentar uma análise a respeito de um ensino de Língua Portuguesa fundamentado em práticas pedagógicas mais dinâmicas e eficazes, voltadas principalmente para o desenvolvimento do leitor crítico, em que o ensino da gramática aconteça de forma contextualizada e relevante, e que tenha as novas tecnologias como ferramentas facilitadoras do processo de ensino-aprendizagem. Para tal, foram conduzidas pesquisas de campo e bibliográfica. Os dados foram colhidos em seis escolas das redes privada e pública da cidade de Aracaju, junto a professores e alunos. O embasamento teórico-metodológico foi proveniente do estudo de obras que discutem como deve ser ministrado o ensino de língua portuguesa na atualidade e de outras que analisam como as diferentes tecnologias podem ser usadas como ferramentas eficazes de suporte pedagógico, o que é muito pertinente na atualidade, quando a tecnologia está cada vez mais avançada e a sociedade tem feito cada vez mais uso dela, principalmente de computadores conectados à Internet.

PALAVRAS-CHAVE: ensino de Língua Portuguesa, leitor crítico, tecnologia.

1. INTRODUÇÃO

A acelerada mudança em todos os níveis da sociedade, desencadeada, principalmente, pela revolução tecnológica, engendrou em uma nova cultura bastante adversa da anterior. Diante dessa nova realidade, o verdadeiro papel do ensino é motivo de ampla discussão em diversos contextos. Na área de Letras, por exemplo, urge empreender esforços expressivos que possam de fato contribuir para a promoção do ensino de Língua Portuguesa de forma significativa em sala de aula, que forme o tipo de cidadão crítico que a sociedade globalizada requer.

Faz-se necessário, portanto, pensar em práticas pedagógicas com a finalidade de que a escola seja representada como um instrumento formador do aluno, no caso, que ele seja preparado para ser um leitor autônomo e crítico, mas é preciso encontrar meios para combater a falta de interesse do aluno pela língua materna, o que representa, indiscutivelmente, um desafio para o professor de Língua Portuguesa.

Cientes da necessidade de aprofundamento das reflexões sobre os desafios que os docentes de Letras devem enfrentar ao lecionarem a Língua Portuguesa de forma mais dinâmica e motivadora, sentimos a necessidade de conduzir o presente estudo, que é resultado de pesquisa bibliográfica e de campo.

Pretendeu-se levantar dados relativos aos usos de recursos tecnológicos como: computadores, retroprojetores, tv e datashow como ferramentas de suporte pedagógico, facilitadoras da transmissão de conteúdos, da intelecção e da produção textual, o que é muito pertinente na atualidade, quando a tecnologia está cada vez mais avançada e a sociedade tem feito cada vez mais uso dela, principalmente de computadores conectados à Internet.

O universo da pesquisa de campo integrou seis (06) Instituições, sendo três (03) públicas e três (03) particulares. As escolas particulares foram: Colégio Militar de Sergipe,

Escola Adventista de Aracaju e Instituto Dom Fernando Gomes Gomes, no turno da manhã, com alunos das 8ª Séries do Ensino Fundamental. As escolas públicas foram: EMEF – Presidente Tancredo Neves turno da tarde, com alunos da 8ª Série do Ensino Fundamental, Colégio Estadual Leandro Maciel e Escola General Siqueira, no turno da manhã, com alunos das 8ª Séries do Ensino Fundamental.

Defende-se aqui que o ensino eficaz da língua materna é o que dá ênfase à compreensão textual que leve o aprendiz a "ler nas entrelinhas", sendo que essa forma de ensinar deve se constituir como base do processo de justaposição entre elementos lingüísticos e a metodologia trabalhada em sala de aula. Nessa perspectiva, o ensino da gramática será contemplado por meio das variedades lingüísticas presentes no texto, porém, isso não ocorre devido à atuação de professores tradicionais que seguem modelos antigos, nos quais se privilegia a transmissão de conteúdos prontos e prescritos para uma única forma lingüística.

Este estudo pretende, portanto, apresentar uma análise a respeito do ensino de Língua Portuguesa, fundamentado em práticas pedagógicas mais dinâmicas e eficazes, voltadas principalmente para o desenvolvimento do leitor crítico, em que o ensino da gramática aconteça de forma contextualizada e relevante. Aliado a isso, que as novas tecnologias sejam usadas pelo docente como ferramentas facilitadoras do processo de ensino-aprendizagem.

Cabe ressaltar que, em meio ao vasto campo teórico na área de métodos de ensino, diversos contributos disciplinares realçam esse tema; aqui, porém, as reflexões sobre a melhoria do ensino é, a priori, a questão da leitura. Tais reflexões, no primeiro momento deste estudo, estão calcadas na opção interacionista, sendo privilegiada a vertente sociocognitiva defendida pelas autoras Ingedore V. Koch e Vanda Maria Elias. Tais autoras apresentam, de forma objetiva e didática, as estratégias utilizadas pelo leitor no processo de leitura e construção de sentidos. No segundo momento, buscou-se embasamento nas idéias de autores como Marcos Bagno e Síro Possenti, os quais trazem sugestões relevantes referentes à

efetivação de práticas de ensino mais expressivas e significativas e sobre a relação tecnologia e educação, recorremos a autores como Tedesco.

2. O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA ATUALIDADE

A dificuldade do aluno em aprender a Língua Portuguesa fica evidente à luz de determinados conteúdos, em especial quanto se trata da produção e intelecção textuais. Nota-se que essas dificuldades ocorrem devido a pouca importância reservada ao desenvolvimento do hábito de leitura, leitura tomada tanto do ponto de vista de análise da própria realidade, pela experiência pessoal, grupal de povo, enquanto, realizada através de textos, livros e jornais.

Assim, faz-se necessário uma reflexão acerca da metodologia de ensino da Língua Portuguesa, ao mesmo tempo em que se sugere, a priori, maior atenção à prática da leitura, pelo seu caráter extremamente interdisciplinar, o que deverá ser bem explorado pelo professor através de técnicas de leitura que tornem suas aulas mais produtivas e atraentes. Acredita-se que a falta de interesse do aluno pela leitura é resultado, dentre outros fatores, de aulas representadas por rituais enfadonhos e improdutivos, em sua essência baseados no ensino da gramática.

Em vista disso, sugere-se a leitura como uma atividade dialógica, na qual o texto seja lugar de interação entre sujeitos sociais. Assim, leitura será apreendida como um processo interativo em que o leitor constrói estratégias interpretativas a partir de estratégias tanto de ordem lingüísticas como de ordem sociocognitivo-interacional para a produção de sentidos. Desse modo, Koch & Elias (2007, p. 11) postulam a leitura como:

> [...] uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos lingüísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização de um vasto conjunto no interior do evento comunicativo.

Nessa perspectiva, a leitura perpassa a concepção de língua como representação do pensamento, no qual há uma captação somente das idéias do autor, sendo concebida como uma atividade de produção de sentidos, através da interação autor-texto-leitor, levando em conta as experiências e os conhecimentos do leitor e sua interação com o texto. Assim, os sujeitos passam a se instituir como construtores sociais que mutuamente se constroem e são construídos através do texto, considerado o lugar por excelência da constituição dos interlocutores.

Verifica-se, assim, que a leitura entendida como uma atividade interativa de construção de sentidos requer um leitor que desvende os sentidos do texto e que, ao processar a leitura, ative seu conhecimento de mundo na construção de leituras possíveis, depreendendo, desse modo, que o texto admite uma pluralidade de leituras e sentidos a depender do contexto social do leitor. Sobre isso Koch e Elias (Ibidem, p. 26) ressaltam:

> É claro que o leitor pode ler qualquer coisa em um texto, pois o sentido não está apenas no leitor, nem no texto, mas na interação autor-texto-leitor. Por isso, é de fundamental importância que o leitor considere na e para a produção de sentidos as "sinalizações" do texto, além dos conhecimentos que possui.

Para as autoras, a interação leitor-texto produz inúmeras possibilidades de leituras; assim, elas ratificam:

> A pluralidade de leituras e de sentidos pode ser maior ou menor dependendo do texto, do modo como foi constituído, do que foi explicitamente revelado e do que foi implicitamente sugerido, por um lado; da ativação, por parte do leitor, de conhecimentos de natureza diversas e de sua atitude cooperativa perante o texto, por outro lado (Ibidem, p.26).

A atividade de leitura, na perspectiva da compreensão textual, envolve conhecimentos lingüísticos compartilhados entre autor-leitor. Tais conhecimentos possibilitam ao leitor preencher os vazios do texto e o faz interagir proficientemente com as diversidades textuais. Essas, porém, podem comprometer a compreensão do leitor através de *aspectos materiais* - o tamanho e clareza das letras, a cor e a textura do papel; *aspectos lingüísticos* – o uso do léxico, estruturas sintáticas. Como salientam as autoras: "Além dos

fatores da compreensão da leitura derivados do autor e do leitor, há os derivados do texto que dizem respeito à sua legibilidade, podendo se materiais, lingüísticos ou de conteúdos" (Ibidem, p. 29).

Portanto, no contexto da leitura atual, torna-se cada vez mais imprescindível a colaboração do leitor na decodificação da mensagem textual a fim de que, através desse processo de interação, seja possível a efetivação de uma leitura com hipóteses prévias que vão se confirmando ou não no decorrer da leitura. Contudo, para que o leitor venha a atuar de forma ativa no ato da leitura, cabe ao professor desenvolver métodos de ensino expressivos na formação do leitor, tendo o texto como recurso basilar, mas também o uso dos recursos tecnológicos vigentes como um subsídio atrativo na participação do aluno na aprendizagem da língua materna.

Aliada à questão da leitura crítica, é preciso entender o que Marcos Bagno (2001) propõe, ou seja, que seja processado um tipo ensino voltado para aguçar o senso crítico do aluno tendo como principal instrumento a legitimidade da norma-padrão. Dessa forma, o professor possibilitará ao educando o conhecimento e a exploração da heterogeneidade da língua, já que a língua portuguesa é um recurso lingüístico utilizado em determinado enunciado. Para tanto, a escola deve dar espaço ao máximo possível de manifestações lingüísticas, concretizadas no maior número possível de gêneros textuais e de variedades de Língua: rurais, urbanas, orais, escritas, formais, informais, cultas e não-cultas.

Bagno (2001) sugere uma pedagogia voltada para o todo da língua, abordando a rica realidade lingüística brasileira, sem se limitar a oferecer como único modelo a ser imitado a produção dos "clássicos", de postura elitista, como estabelece a gramática normativa. Para o autor, o ensino da gramática em sala de aula é relevante, desde que seja um ensino de gramáticas, sempre no plural, junto com a análise da funcionalidade de cada uma e da apreciação crítica dos valores sociais atribuídos a cada uma delas.

Entendemos, portanto, que o ensino de língua portuguesa será pertinente quando ministrado com o objetivo de levar o aluno à efetivação de pesquisa, possibilitando-o à produção do seu próprio conhecimento lingüístico, como arma eficaz contra a reprodução sem reflexão e sem crítica da doutrina gramatical normativa. Para tanto, cabe ao professor levar o aluno à leitura das diversidades de gêneros textuais, desde os clássicos aos mais modernos. O professor de português não pode mais ser apenas um repetidor de doutrina gramatical normativa, mas deve ser um pesquisador e orientador de pesquisas a serem empreendidas por ele junto com seus alunos, conforme afirma Bagno (2001, p.159):

> É preciso que o professor de língua portuguesa se conscientize de que ele é um lingüista, um estudioso da língua, capaz de produzir conhecimento lingüístico e material didático adequado para as necessidades de seus alunos. Solidificando o aprendizado do aluno através da escolha da variedade adequada a cada situação.

Diante disto, constata-se a necessidade de que o professor de Língua Portuguesa esteja sempre bem informado. Para isso, ele deve se habituar a fazer leituras constantes dentro do contexto no qual está inserido, constituindo-se um ser autônomo e desalienado. Precisa, também, comprometer-se com a causa, preparando aulas que despertem e empolguem o aluno. Ele não deve se manter limitado a livros e teorias, mas deve estar ‘antenado’ com a vida, comprometido tanto com a tradição quanto com a modernidade, evoluindo sem temer o novo, procurando sempre dar e fazer o melhor. Ele deve estar norteado de ética em qualquer situação, através da dignidade ao desempenhar o ofício da continuidade do ensino da língua materna, já que esta é adquirida no ambiente familiar, na escola, porém, o aluno irá desencadear a funcionalidade da linguagem.

2.1 AS DIFICULDADES NO APRENDIZADO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Acredita-se que o desestímulo e a dificuldade do aluno em apreender os conteúdos de Língua Portuguesa são frutos de práticas pedagógicas inexpressivas e enfadonhas. Isso é

notório já nas primeiras séries dos alunos, pois o ensino é limitado ao estudo da palavra e da frase descontextualizadas. Desse modo, o ensino se reduz ao uso da palavra em detrimento do texto e a sua riqueza de construção de sentido.

Por ter grandes dificuldades na leitura, garotos e garotas se vêem frustrados e não participam ativa e criticamente do que acontece em sua volta, sentindo-se incapazes lingüisticamente de tomar a palavra e fazer valer seus direitos. Por isso, ficam na margem do entendimento e das decisões de construção da sociedade.

Diante dessa realidade, o momento é propício ao professor a não desenvolver aulas somente a partir de suas experiências em sala de aula, mas, a partir delas, buscar recursos teórico-metodológicos que venham a possibilitar práticas pedagógicas inovadoras. Sobre isso, Antunes (2003, p.21) é otimista e declara:

> Os momentos de crise são, comumente, também momentos de crescimento. É por isso que já se pode testemunhar um conjunto de atuações sociais positivas, na direção de uma crescente consciência da cidadania cada vez mais integral e efetiva.

Todo profissional envolvido no processo de ensino-aprendizagem tem o dever de preparar o cidadão brasileiro para o exercício fluente, adequado e relevante da linguagem verbal, oral e escrita. Portanto, esse é um tema que tem gerado bastante polêmica acerca da questão de se ensinar, ou não, a Gramática na escola, principalmente nas séries iniciais do aluno.

Sendo assim, a questão do ensino da gramática continua atual, isso porque embora tenha havido muita mudança de discurso, a prática escolar continua a mesma, exceto em poucos enclaves particulares. Definindo a gramática como “conjunto de regras”, Possenti (2001, p.39) apresenta três alternativas de entendimento para definição, a saber:

1. Conjunto de regras que devem ser seguidas (Gramática Normativa); é a mais conhecida, porque em geral é a definição que se adota nas gramáticas e nos livros didáticos.

2. Conjunto de regras que são seguidas (Gramática Descritiva); é a que orienta o trabalho dos

lingüistas, cuja preocupação é descrever e explicar como as línguas são faladas.

3. Conjunto de regras que o falante da língua domina (Gramática Internalizada); hipóteses sobre os conhecimentos que habilitam o falante a produzir frases ou seqüências.

Segundo o autor, assim como o conceito de gramática não é unívoco, o conceito de regra também não é. Há dois sentidos em que se pode falar de regras: um traz a idéia de obrigação, o outro traz a idéia de regularidade. Ele afirma também que as regras de uma gramática normativa se assemelham às regras de etiqueta, expressando uma obrigação e uma avaliação do certo e do errado. Já as regras de uma gramática descritiva se assemelham às leis da natureza, na medida em que organizam observações sobre fatos sem qualquer conotação valorativa (um botânico não critica uma planta por apresentar tal característica, apenas descreve-a e a classifica). Por sua vez, as regras de uma gramática internalizada expressam aspectos dos conhecimentos lingüísticos dos falantes.

O autor sugere ao professor métodos de ensino que levem em conta o conhecimento internalizado que o aluno traz consigo e que o professor adicione a esse conhecimento de forma comparativa as normas estabelecidas pela gramática. Dessa forma, Possenti propõe metodologias que possam ser executadas por profissionais com bom senso, com capacidade de observação e com disposição para abrir mão de atitudes puristas em relação à língua.

Assim, usa-se a língua para obter resultado de sentido, é obvio que só haverá exercício pleno da linguagem, se as escolhas e arranjos estiverem adaptados às condições de produção. Tais adaptações se fazem urgentes, pois se sabe que as transformações sociais, políticas e econômicas ocorreram em curto espaço de tempo e, conseqüentemente, refletiram-se em nossa língua oficial, ou seja, mudaram-se os usos lingüísticos. Entretanto, infelizmente, essas mudanças ainda não se efetivaram na prática pedagógica da Língua Portuguesa, esta ainda tem o pretensioso objetivo de promover a aprendizagem da língua materna através dos

dogmas gramaticais.

No caso do contexto atual, torna-se cada vez mais imprescindível a colaboração do leitor na decodificação da mensagem textual a fim de que através desse processo de interação o possibilite a efetivação de uma leitura com hipóteses prévias que vão se confirmando ou não no decorrer da leitura. Contudo, para que o leitor venha a atuar de forma ativa no ato da leitura, cabe ao professor lançar mão de métodos de ensino expressivos na formação do leitor, tendo o texto como recurso basilar, o ensino da gramática contextualizado e pertinente e os recursos tecnológicos vigentes como poderosas ferramentas pedagógicas, principalmente o computador conectado à Internet, como elementos que motivem a participação do aluno na aprendizagem da língua materna.

3. A TECNOLOGIA COMO UM RECURSO DIDÁTICO APLICADO AO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

A possibilidade de compartilhar o conhecimento por meio da palavra indica um avanço fundamental para o gênero humano e a escrita tornou possível a criação do conhecimento científico. Hoje, podemos identificar um terceiro avanço que propicia assombrosas possibilidades para o desenvolvimento e a difusão global do conhecimento: as novas tecnologias de informação e comunicação. Com elas, surgem novos gêneros textuais, devido ao uso constante desses recursos nas diferentes atividades comunicativas diárias, que se diferenciam a depender das necessidades individuais de seus usuários.

Sendo assim, tecnologias como o rádio, a televisão, o jornal, a revista e a internet, por terem uma presença marcante nas atividades comunicativas da realidade social, colaboram com a criação de gêneros novos bastante característicos. São tecnologias que, quando aplicadas ao ensino, favorecem o surgimento de formas inovadoras de ensino e de

aprendizagem, mesmo sendo elas apenas usadas como apoio, meios, mas que realizam atividades de aprendizagem de formas diferentes às de antes.

Com isso, os professores devem se sensibilizar a respeito das mudanças de papéis vinculados à presença de tecnologias de informação e comunicação, avaliando que podem liberá-los, em certa medida, da tarefa de transmitir informação e conhecimentos, para torná-los dinamizadores e referentes do processo de aprendizagem.

Conforme Tedesco (2003), no momento em que a tarefa de ensinar não se reduz a uma transmissão de conhecimento de uma disciplina, a dicotomia entre o ensinar e o trabalho científico tende a se reduzir. Isso torna mais complexo o processo de aprendizagem, tanto por parte dos professores como dos alunos, porém mais frutífero.

Tratando-se mais especificamente do processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, são muitos os recursos à nossa disposição. Por exemplo, a Internet e os programas que gerenciam grupos e que possibilitam a publicação de materiais estão dando abertura para que novas funções pedagógicas sejam adotadas pelo professor.

A Internet e a função multimídia estão revolucionando nossa vida no cotidiano, na educação; porém, cabe à escola tornar esses recursos mais acessíveis ao aluno, a fim de que ele desenvolva a prática da pesquisa e que se sinta motivado para produzir textos, contribuindo, assim, para o seu aprendizado. Além disso, com a Internet desenvolvem-se diferentes formas de comunicação, principalmente através da escrita, de forma hipertextual, conectada, multilinguística, aproximando texto e imagem.

Nesse sentindo, o aluno aumenta as conexões lingüísticas, geográficas e interpessoais. A lingüística, porque ele interage com inúmeros textos, imagens, narrativas, formas coloquiais e formas elaboradas como textos sisudos e populares. A Internet, ao se tornar mais hipermídia, começa a ser um meio privilegiado de comunicação de professores e

alunos, já que permite juntar a escrita, a fala e, a imagem a um custo barato, com rapidez, flexibilidade e interação até pouco tempo impossível.

3.1 A INTEGRAÇÃO DO COMPUTADOR NO PROCESSO DE ENSINO/ APRENDIZAGEM

O avanço tecnológico tem tomado grandes e relevantes proporções no que diz respeito à educação. Os computadores ocupam um lugar de destaque no aprendizado do aluno, quando utilizado como instrumento que venha atender aos objetivos da educação escolar visando ao educando a sua melhor interação individual e social. Dessa forma, desempenha papel não apenas de ferramenta de digitação, mas torna-se um importante recurso de pesquisa, visto que seu principal mecanismo é armazenar bases de dados para consulta.

Não resta dúvida de que a educação é fundamental na constituição da cidadania, já que é através do esclarecimento que o indivíduo desenvolve o senso crítico. Para isso, Kodel (2003, p. 24) diz que, “A escola, necessariamente, deve oferecer ao educando a oportunidade de desenvolvimento de sua capacidade de criar, de descobrir e descobrir-se, de caminhar com seus próprios pés alicerçados nas mais sólidas bases racionais”. Assim, o discente terá suporte e capacidade de interagir com os outros em volta de si de forma ativa, sentindo-se capaz e produtivo. Além disso, também, será capaz de desenvolver projetos de pesquisa que, por sua vez, ao desafiar o aprendiz com problemas exigentes de críticas e criativas soluções, acabam por contribuir com a formação do verdadeiro cidadão.

Outro aspecto positivo do uso do computador está ligado ao desenvolvimento da linguagem e da escrita do aluno, o que tem ligação muito direta à disciplina de Língua Portuguesa. Esse processo ocorre ao conectarem programas que ajudarão aos alunos na correção de seus próprios textos, que antes implicava a necessidade de reelaboração do

trabalho, hoje essa correção é efetuada com o simples clique do *mouse* e a digitação de palavras, facilitando, assim, a agilidade da conclusão do trabalho, o que beneficia o aluno.

Vale ressaltar que a produção textual, com o auxílio dos computadores, pode tornar-se mais atrativa e prazerosa para o educando, visto que a máquina disponibiliza de recursos editores, de formatação de caracteres com cores e tamanhos variados, inserção de gravuras, podendo assim, reforçar o prazer do discente em desenvolver trabalhos cada vez mais aprimorados e criativos.

A autora Kodel cita a professora Maria Pereira para fundamentar a influência benéfica que os recursos de formatação oferecidos pelos processadores exercem sobre os discentes, proporcionando-lhes o prazer ao desenvolver a escrita:

> O rascunho é o texto em transformação. Descobrindo isso, o exercício de escrever, antes apenas árduo, passa a ser árduo e prazeroso [...]. O aluno olha para o texto na tela e observa a sua obra como se fosse o seu primeiro professor, como o seu primeiro leitor, o crítico, e começa a mudar as palavras e trechos imediatamente [...]. E nessa busca pelo belo, o educando vai refletindo mais sobre a sua obra e ganho maior autonomia em relação ao seu próprio ato de escrever (apud Kodel, 2003, p. 58).

Neste âmbito, não há dúvida de que o computador facilita o desenvolvimento e o aprendizado do educando, mas indubitavelmente, isto é processado quando trabalhado com objetivo e seriedade. Neste contexto, um sistema educacional dinâmico e complexo exige a atuação do docente e do discente em múltiplas dimensões e decisões fundamentadas, seguras e criativas.

De um lado, deve haver melhorias institucionais, que atingem instalações físicas e recursos materiais e humanos, tornando as escolas e organizações educacionais mais adequadas para o desempenho dos papéis que lhes cabem. De outro, deve haver melhorias nas condições de atendimento às novas gerações, traduzidas por adequação nos currículos e nos recursos para seu desenvolvimento, num nível tal que provoquem ganhos substanciais na aprendizagem dos estudantes através da capacitação contínua do corpo docente, que deve

estar sempre se atualizando para poder acompanhar as mudanças em nossa sociedade globalizada.

3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO

Cientes da necessidade de aprofundar as reflexões até aqui apresentadas sobre a possibilidade de se trabalhar em sala de aula a Língua Portuguesa de forma mais dinâmica e motivadora, tendo como suporte didático o uso de recursos tecnológicos, como: computador, retroprojetor, TV, datashow etc., como recursos facilitadores da transmissão de conteúdos, da intelecção e da produção textual, é que esta pesquisa se justifica.

Por conta disso, a metodologia que norteou a argumentação dessa pesquisa foi construída em torno dos objetivos trabalhados por Thiollent (2001), ao afirmar que a opção metodológica que se apóia no pressuposto de que somente os agentes educativos atuantes interna ou externamente na escola podem, havendo vontade política e, naturalmente competência técnica também, fazer efetivas transformações mediante intervenções na prática e ações pedagógicas.

Inicialmente, delineamos um plano de trabalho incipiente o qual se constituiu do levantamento bibliográfico condizente com o tema proposto, que consiste em apenas formar uma base ideológica e qualitativa quanto ao conteúdo, permitindo condensar, exploratoriamente, as questões referentes ao tema e como o mesmo vem sendo abordado e qual o impacto deste na comunidade escolar.

Com base na reflexão das leituras feitas, constituímos o segundo momento, a partir da realização da pesquisa de campo, na qual foi utilizada a técnica de entrevista, através da aplicação de questionário (constituído por 10 questões; compreendendo quatro questões direcionadas para alunos e questões direcionadas aos docentes da área de ensino, baseadas nos

objetivos específicos da pesquisa). A escolha desse método se fez pela necessidade de conhecer o processo de ensino / aprendizagem dos conteúdos da Língua Portuguesa, tendo como suporte os recursos tecnológicos em sala de aula para, a partir de dados reais, concretizar o objetivo do presente estudo.

O universo da pesquisa integrou seis (06) Instituições, sendo três (03) Públicas e três (03) Particulares. Da rede particular de ensino pesquisamos o Colégio Militar de Sergipe e a Escola Adventista de Aracaju, no turno da manhã, com alunos das 8ª Séries do Ensino Fundamental e o Instituto Dom Fernando Gomes. Da rede pública, pesquisamos as seguintes instituições escolares: Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente Tancredo Neves, no turno da tarde, com alunos da 8ª Série do Ensino Fundamental; Colégio Estadual Leandro Maciel e o General Siqueira, no turno da manhã, com alunos das 8ª Séries do Ensino Fundamental. Vale ressaltar que os professores questionados são ministrantes de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental e lotados nas escolas Estaduais – Leandro Maciel, General Siqueira e nas escolas Particulares – Escola Adventista de Aracaju e Instituto Dom Fernando Gomes.

A amostragem foi composta por quinze (15) questionários para alunos de cada Instituição de ensino e (11) para professores, com dez perguntas abertas e fechadas, que de forma aleatória os mesmos responderam na presença do pesquisador em sala de aula, também como instrumento de coleta.

No terceiro momento, fez-se a tabulação dos dados da pesquisa de campo entre alunos e professores, separadamente, que foram analisadas à luz do referencial teórico, para assim obter resposta do que foi proposto investigar, de forma que o método escolhido para análise dos dados foi a análise de conteúdo por dados qualitativos.

Questionando os alunos sobre a metodologia adotada acerca do uso de recursos tecnológicos em sala de aula, visando ao melhor entendimento do aluno sobre conteúdos da Língua Portuguesa, percebeu-se que predominou, quase unânime, a resposta de que o

professor utiliza-se somente do livro e da lousa. É pertinente destacar o seguinte depoimento: “a professora só usa o quadro e o livro, o que é uma pena, pois o uso do retroprojetor ou do computador tornaria a aula mais dinâmica e interessante” (aluno da 8ª série, manhã). Uma minoria respondeu que raramente a professora usava estes recursos tecnológicos em sala de aula. Com isso, constata-se que o aluno sabe da existência deste recurso e até gostaria de tê-lo como um instrumento facilitador e motivador às aulas de Língua Portuguesa.

Quanto à importância do uso do computador na produção textual do aluno, foi atribuída pouca importância por pequena parte deles, os quais disseram que esses recursos não influenciam nem a produção textual nem a leitura. Outros, no entanto, citaram que é uma boa fonte de informação e pesquisa. Os demais responderam que o computador ajuda o aluno na digitação e na correção gramatical do texto.

Com base nos depoimentos dos discentes, percebe-se a influência benéfica do computador no cotidiano dos mesmos, proporcionando-lhes o prazer ao desenvolver a escrita, o que reforça a afirmação de Kodel (2003, p.58) de que:

> O que era árduo passa a ser árduo e prazeroso. O aluno olha para o texto na tela e observa a sua obra como se fosse o seu primeiro professor, como o seu primeiro leitor, o crítico, e começa a mudar as palavras e trechos imediatamente, o educando vai refletindo.

Na tentativa de avaliar a influência do uso constante do computador na relação dos alunos com a escola, em particular através do ensino de Língua Portuguesa, a maioria dos discentes respondeu que a linguagem coloquial usada nos diálogos entre os usuários do computador muitas vezes é transferida para os textos escolares, prejudicando, assim, a linguagem padrão e adequada à realidade escolar. Outros responderam que a linguagem usada nos textos eletrônicos não influencia nos textos escolares.

Com isso, constata-se que os discentes não possuem conhecimento das diferentes funcionalidades da linguagem, conforme afirma Bagno (2001, p. 153) a respeito do ensino que privilegia a gramática como se essa fosse dissociada da fala. Sobre o ensino de língua

portuguesa, ele defende uma postura de

> uma pedagogia voltada para o todo da língua. Abordando a rica realidade lingüística brasileira e não se limitar a oferecer como único modelo a ser imitado, a produção dos “clássicos” de postura elitista, como estabelece a gramática normativa.

Sobre a opinião dos alunos acerca do ensino da Língua Portuguesa, em especial sobre a questão da leitura, tendo como recurso a tecnologia, a maioria dos entrevistados sugeriram o uso do computador; porém, constatou-se uma certa incoerência nas respostas, pois eles acrescentaram que este instrumento proporciona acomodação ao aluno. Logo, não seria recomendável como um recurso facilitador no ensino aprendizagem, segundo eles. Outros, no entanto, sugeriram o computador como um veículo estimulador e facilitador das práticas de leitura.

O objetivo dessa pesquisa de campo realizada com professores de língua portuguesa de 5ª a 8ª do ensino fundamental de escolas das redes públicas e particulares foi analisar até que ponto o uso da tecnologia pode facilitar o processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa.

Em unanimidade (100%), os professores que responderam à pesquisa concordam que o uso da tecnologia em sala de aula estimula os alunos na hora do aprendizado, aumentando significantemente a motivação e o interesse. Eles afirmam que há maior envolvimento, e que essa ferramenta faz com que haja mais desenvolvimento na escrita. Porém, é interessante ressaltar que apenas 80% dos professores têm condições de utilizar esses recursos em sala de aula, pois algumas escolas não perceberam a importância desses meios facilitadores para o aprendizado.

Alguns professores afirmaram que, com a chegada da internet, a facilidade de encontrar recursos como textos, artigos, fotos, etc. é de grande enriquecimento para suas aulas, tornando-as mais atrativas e interessantes e que através da Internet também estão disponibilizadas novas forma de comunicação, principalmente através da escrita.

Outro ponto que nos chamou a atenção foi que 30% dos professores afirmarem que a Internet não é muito proveitosa para pesquisa, porque os alunos não fazem resumo do que foi encontrado, eles apenas copiam e colam os textos prontos sem ao menos se interessarem em aprofundar seus conhecimentos pelo assunto pesquisado e em desenvolverem as práticas de escrita e leitura. Esses docentes não são contra a utilização da internet para pesquisa, mas afirmam que os alunos precisam aprender a utilizá-la de forma proveitosa para seu enriquecimento intelectual.

Esta é uma das grandes questões que a escola deve trazer para discussão, principalmente para as reuniões pedagógicas: como tirar proveito da Internet em favor do ensino. Isso porque a Internet está trazendo inúmeras possibilidades de pesquisa para professores e alunos, dentro e fora da sala de aula, a facilidade de encontrar múltiplas respostas para qualquer tema através de ferramentas de busca como o Google, é algo deslumbrante, impossível de ser imaginado há pouco tempo atrás, mas vimos através da pesquisa feita que isso traz grandes vantagens e, também, alguns problemas.

Portanto, foi percebido que ensinar utilizando os meios tecnológicos pode e deve provocar uma revolução na escola se os professores mudarem e quebrarem certos paradigmas do ensino. Caso contrário, servirá somente como um verniz, um paliativo ou uma jogada de marketing para dizer que o nosso ensino é moderno. Ou seja, não adianta inserir computadores e Internet na escola se as metodologias aplicadas continuarem perpetuando práticas antiquadas que privilegiam a cópia e a memorização de conteúdos, principalmente de regras gramaticais descontextualizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi apresentar uma análise a respeito do atual ensino de

Língua Portuguesa e da inserção das NTIC (Novas Tecnologias da Informação e Comunicação) nesse contexto. Procurou-se refletir a respeito de como docentes e discentes de algumas escolas públicas e privadas da cidade de Aracaju entendem, hoje, a relação entre ensino e tecnologia.

Percebemos que, por uma série de fatores, alunos e professores ainda não enxergam todas as potencialidades de ferramentas como o computador e a Internet como elementos facilitadores do processo de ensino-aprendizagem. Muitos acreditam que tais tecnologias podem tornar as aulas mais dinâmicas, mas mesmo esses não têm certeza de como isso pode e deve realmente ocorrer.

As reflexões aqui apresentadas são no sentido de que a escola deve dedicar mais tempo para estudar as inúmeras possibilidades de usos pedagógicos dessas ferramentas, mas isso requer determinação, empenho em querer mudar para, assim, adquirir competência suficiente para compreeender e entender os conteúdos de forma reflexiva e motivadora.

Acreditamos que os docentes de língua portuguesa, ao fazerem uso adequado da tecnologia como um recurso didático motivador do processo de ensino / aprendizagem da língua, a partir, por exemplo, da análise das diversidades textuais encontradas na Internet, pode trazer mais sentido ao estudo, inclusive, da gramática, que é fundamental, quando ensinada de forma contextualizada.

Defendemos aqui a efetivação de um ensino fundamentado em aguçar o sentido dos enunciados e que leve à reflexão crítica – social do aluno. O ensino da Língua Portuguesa deve ser pautado na construção de relações adequadas para uma efetiva interação entre professor/alunos e alunos/alunos, de forma significativa, para que cada um possa interagir no processo dialógico através da linguagem.

Concluimos que cabe ao professor de Língua Portuguesa conscientizar-se de que ele não é *só* professor de gramática, mas de linguagem, de comunicação, de vida. Ou seja, ele

próprio deve ter uma relação integral e interativa com a leitura, a literatura, com a sociologia e tantas outras áreas que lidam com o material humano, pois ao se trabalhar com o ensino de uma língua viva, está se lidando com diferentes assuntos e temas.

Além disso, esse profissional deve manter-se informado, e instrumentar-se a respeito das tecnologias, habituar-se a fazer leitura sincera e constante, ou seja, constituir-se um ser ‘sintonizado’ com a modernidade, principalmente quando se tem ferramenta tão poderosa como a Internet à disposição do ensino. Por fim, ele não deve estar preso a regras e exceções, protegido pela redoma da Gramática, que conduz o aluno à construção de verdades absolutas, isentos de críticas e de construção de sentido.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português:** encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003 – (Série Aula: 1).

AZEREDO, José Carlos. **Língua portuguesa em debate**: conhecimento e ensino. 3 ed Petrópolis. RJ: Vozes, 2002.

BAGNO, Marcos. **Dramática da Língua Portuguesa**. Edições Loyola, 2003.

BRITO, Eliana Viana. **PCNs de Língua Portuguesa:** a prática em sala de aula**.** São Paulo: Arte & Ciência, 2001.

COX, Kenia Kodel. **Informática na educação escolar:** Campinas SP: Editora Autores Associados, 2003. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

GONÇALVES, Hortência de Abreu, **Manual de Artigos Científicos.** São Paulo: Avecamp, 2004.

ILARE, Rodolfo. **Introdução à Semântica – brincando com a gramática**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria, **Ler e compreender:** os sentidos do texto**.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MORAN, Manuel José [ett allis] **Revista Construir notícias,** nov. 2006 Contexto, 2003.

NEVES, Maria Helena. **Que gramática ensinar na escola?** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

POSSENTI, Sírio. **Porque (não) ensinar gramática na escola.** Campinas: Mercado de [1]

SEVERINO, Antônio Joaquim, **Metodologia do Trabalho Científico.** 21 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SANCHO, Juana Maria... [et al], **Tecnologias para Transformar a Educação,** Tradução Valéria Campos. Porto Alegre: Artemed, 2006.

TEDESCO, Juan Carlos (org.). **Educação e Novas Tecnologias**: esperança ou incerteza, Tradução Claudia Berliner, Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2004.

THIOLLENT, Michael. **Metodologia da Pesquisa-Ação.** São Paulo: Cortez, 2001.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação:** uma proposta para o ensino da gramática**.** 9 ed. São Paulo: Cortez, 2003.